



# A razão metonímica e suas lógicas da não-existência na marginalização que permeia o semiárido brasileiro

## The metonymic reason and logic of non-existence in the marginalization that permeates the Brazilian semiarid region

Daniel Ramos da Costa<sup>1</sup>, Carlos Leandro Costa Silva<sup>1</sup>, Cimone Rozendo de Souza<sup>2</sup>

### AUTHOR AFILIATIONS

---

1 – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFRN)

2 – Departamento de Ciências Sociais (CISO/UFRN)

### ORCIDS AND CONTACT

---

Daniel Ramos da Costa  
Orcid: 0000-0003-0383-2227  
[daniel.amos.148@ufrn.edu.br](mailto:daniel.amos.148@ufrn.edu.br)  
Carlos Leandro Costa Silva  
Orcid: 0000-0002-9808-2301  
[carlosleandro232@gmail.com](mailto:carlosleandro232@gmail.com)  
Cimone Rozendo de Souza  
Orcid: 0000-0002-4903-0839  
[cimone.rozendo@gmail.com](mailto:cimone.rozendo@gmail.com)

### ABSTRACT

---

The construction of a global and modern society is influenced by a Western cosmopolitan discourse, which hides European coloniality. This regionally conditioned discourse leads to an ideological convergence that creates a uniform interpretation of the analyzed objects. Based on the perception of the landscape and the understanding of the metonymic reason and its logic, the objective is to identify the elements of the landscape that marginalize the Brazilian Northeastern semi-arid region and discuss educational alternatives to combat this interpretation. With the aim of providing a practical visualization of the landscape elements common to television news, a word similarity cloud was created from the description of the first ten minutes of each report using the textual analysis software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2 (Interface of R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). The reports analyzed point to the distance and marginalization of the northeastern semi-arid region in relation to other regions of Brazil, highlighting the drought as a factor of inferiority. It highlights the importance of political and environmental education to emphasize coexistence with the semi-arid region and promote quality of life, in addition to presenting its positive aspects.

Keywords: Brazilian semiarid, Metonymic reason, Environment.

### RESUMO

---

A construção de uma sociedade global e moderna é influenciada por um discurso cosmopolita ocidental, que esconde a colonialidade europeia. Esse discurso regionalmente condicionado leva a uma convergência ideológica que cria uma interpretação uniforme dos objetos analisados. Com base na percepção da paisagem e na compreensão da razão metonímica e suas lógicas, o objetivo é identificar os elementos da paisagem que marginalizam o semiárido nordestino

brasileiro e discutir alternativas educacionais para combater essa interpretação. Com o intuito de proporcionar uma prática visualização dos elementos da paisagem comuns entre as matérias televisivas, criou-se, a partir da descrição dos primeiros dez minutos de cada reportagem, uma nuvem de similaridade de palavras a partir do software de análise textual IRaMuTeQ 0.7 alpha 2 (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). As reportagens analisadas apontam o distanciamento e marginalização da região semiárida nordestina em relação às demais regiões do Brasil, ressaltando a seca como fator de inferiorização. Destaca-se a importância da educação política e ambiental para enfatizar a convivência com o semiárido e promover qualidade de vida, além de apresentar seus aspectos positivos.

Palavras-chave: Semiárido brasileiro, Razão metonímica, Meio Ambiente.

## INTRODUÇÃO

A construção de uma sociedade global e moderna emerge através de expressões dentro de um discurso cosmopolita ocidental (MALUF, 2008). A modernidade esconde uma colonialidade europeia, onde um ator social é capaz de interpretar uma paisagem com base em uma visão unilateral condicionada regionalmente. Como efeito, há uma convergência ideológica sobre uma região, tradição ou cultura que cria um isomorfismo interpretativo do objeto de análise (PINTO; MIGNOLO, 2015).

O eixo interpretativo de qualquer objeto de análise, como uma paisagem ou território, converge com as transformações dicotômicas entre ausência e presença (ABBUD, 2018). Logo, na maioria dos casos, a interpretação de uma paisagem passa a compor uma racionalidade que toma parte do todo como uma contração de

composições do presente (PINTO; MIGNOLO, 2015). Por isso, as mídias televisivas são uma das principais fontes de transmissão de conhecimento, em virtude da facilidade que apresentam em atingir o público das mais diferentes classes sociais (BECKER, 2014; CRISPIM et al., 2016). No entanto, a elaboração do conteúdo exibido influencia a concepção de um lugar, podendo por vezes não refletir suas virtudes (CRISPIM et al., 2016).

A maneira como interpretamos um objeto, muitas vezes, tem sido vinculada do ponto de vista

colonial (PINTO; MIGNOLO, 2015). Por exemplo, para a modernidade, a ideia de região semiárida nordestina foi inventada por atores e instituições, com isto, uma história cultural passou a se apagar ao longo do tempo com riscos de perder seu valor (PINTO; MIGNOLO, 2015; SANTOS, 2002). O semiárido nordestino, presente em mais de 80%

da região Nordeste, é uma das delimitações geográficas do Brasil que mais sofrem com essa desvalorização em virtude de suas particularidades naturais, como o regime pluviométrico sazonal e as variações de temperatura (média de 27°C), fatores que influenciam no comportamento da vegetação, nas formas de armazenamento hídrico, na administração de animais e cultivo de culturas (SILVA; PEREIRA, 2020).

Dentro deste contexto, a razão metonímica acaba convergindo entre a compreensão de mundo e a compreensão de mundo dentro da lógica moderna e colonial (SANTOS, 2002). Onde uma interpretação de uma ideia pode ter caráter parcial ou seletivo a partir de uma análise frente a globalização do pensamento, assim, produzindo a não-existência através de cinco lógicas, sendo elas a (1) lógica que deriva da monocultura do saber e do rigor do saber, a (2) lógica que deriva da monocultura do tempo linear, a (3) da classificação social, (4) da produção da inexistência e a (5) lógica produtivista da não-existência (SANTOS, 2002, p. 247-248). Sendo assim, a razão metonímica dentro deste domínio compõe uma divergência ideológica entre experiência social e tradição científica (GOMES, 2014; SANTOS, 2002).

À vista disto, a interpretação e percepção da região semiárida por um longo tempo teve sua paisagem modificada pela falta de parcialidade em expressões e saberes ecológicos do território.

É de notório saber que a problemática envolvendo os fatores climáticos é um fator, porém, muitas vezes houve um dimensionamento exagerado tanto geograficamente como semanticamente (ANDRADE; SILVA; SOUZA, 2014).

Assim, com base na percepção dos elementos da paisagem e do entendimento da razão metonímica e suas lógicas, procurou-se atender aos seguintes objetivos: (1) identificar os elementos da paisagem que marginalizam o semiárido nordestino brasileiro e (2) discutir alternativas educacionais para contornar essa interpretação. Para terminar, em posse dessas informações, buscou-se discutir o seguinte questionamento: Como a razão metonímica e suas lógicas da não-existência está associada à visão que marginaliza o semiárido brasileiro?

## MATERIAL E MÉTODOS

Selecionou-se quatro matérias televisivas, todas pertencentes à rede Globo televisão tendo em vista ser o veículo midiático que mais alcança o público brasileiro em todo o país, sendo as Reportagens 01 e 02 (R1 e R2) do Globo Rural (pertencentes aos anos de 1983 e 2012, respectivamente), a Reportagem 03 (R3) do Hora 1 (ano de 2018) e às Reportagem 04 e 05 (R4 e R5) do Profissão Repórter (ambas do ano de 2017).

Esta seleção foi feita a partir da busca com base em palavras-chave que envolvessem o discurso da seca e da convivência com o semiárido, assim sendo possível analisar a relação da imagem transmitida para o público e como está associada com a razão metonímica e suas lógicas de produção da não-existência (Quadro 01).

Buscou-se nas reportagens elementos bióticos e abióticos da paisagem que podem marcar e caracterizar a imagem de um lugar, como lugares, personagens, atores, fontes e imagens (ABBUD, 2018). Por fim, com o intuito de proporcionar uma prática visualização dos elementos da paisagem comuns entre as matérias televisivas, criou-se, a partir da descrição dos primeiros dez minutos de cada reportagem, uma nuvem de similaridade de palavras a partir do software de análise textual IRaMuTeQ 0.7.alpha 2 (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ponto de partida, ressalta-se que o discurso que compõe cada reportagem analisada foi diferente para cada programa, sendo algumas apresentadas com uma linguagem mais acessível, como aquelas exibidas pelo Hora 1 e o Jornal Nacional, enquanto as exibidas pelo Globo Rural e Profissão Repórter possuem um discurso mais

técnico, contemplando mais formas de caracterização da imagem do semiárido em virtude do maior detalhamento do conteúdo.

Vinte e dois elementos compõem a nuvem gerada pelo IRaMuTeQ (Figura 01), sendo “seca” a palavra com maior similaridade entre a análise do contexto das matérias televisivas selecionadas (57% do corpus textual), seguida por semiárido (19%), convivência (10%), desenvolvimento (5%), região (4%), processo (3%) e discurso (2%).

As R1, R2 e R4 são marcadas tanto pela representação do gado magro quanto pela safra de milho improdutivo, além da falta de água de qualidade para beber, um viés vil do semiárido, apontando a seca como o principal marcador de pobreza da região (SOUZA, 2015). Contudo, sabe-se que o gado, em virtude do seu porte, não é o animal recomendado para alimentação e fonte de renda em razão do alto gasto com dessedentação, assim como o milho, que é uma cultura que não lida bem com as irregularidades pluviométricas da região semiárida brasileira (ANDRADE; SILVA; SOUZA, 2014).

Assim, faz parte da convivência com o semiárido esclarecer esses detalhes para a população e assim evitar a imagem de improdutividade transmitida pela mídia.

A R3 expõe o trajeto que um morador tem que fazer mediante “uma paisagem marrom e cinza”, fazendo referência ao solo seco

resultante dos períodos de estiagem. Contudo, pouco se é mencionado ao público que tal característica do solo, assim como os períodos de seca, são morfologias e eventos comuns do semiárido (CRISPIM et al., 2016). Essa visão pautada na seca é, em concordância com Buriti et al. 2020, um dos principais fatores que afugentam visitantes e/ou que desqualificam o semiárido brasileiro por parte dos moradores de outros estados. Por isso, tem-se que pautar que a má administração em relação às formas de lidar com a seca é um problema político e educacional (BURITI et al., 2020; FARIAS; MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2021).

A R5 é iniciada pela retratação de imagens da vegetação com folhas e galhos secos e ao passar dos minutos termina com cenas semelhantes. Tal demonstração da paisagem contribui com a idealização de terra infértil imposta há anos ao semiárido, sendo que, esforços em explicar, mesmo que superficialmente, os mecanismos de adaptação biológica que as plantas nativas da Caatinga (biomas predominante no semiárido) usam para se manterem vivas durante os meses de seca, amenizariam essa visão de infertilidade, assim, havendo um movimento decolonial de uma conceito implantada em cada indivíduo (AVILA, 2021; CRUZ; GUIMARÃES, 2021; SILVA; PEREIRA, 2020). Logo, a ausência de tato das reportagens analisadas em falar da seca como fenômeno natural e a insuficiência de menções para as formas que os nordestinos

lidam com ela, contribuem para a visão colonial ocidental que marginaliza a região (CRISPIM et al., 2016; SILVA; PEREIRA, 2020). Tal visão é observada há anos, pois, assim como cita Souza (2015), desde a pós-colonialidade a região semiárida brasileira foi idealizada como pobre devido a diversas variáveis, mas principalmente às irregularidades pluviométricas. Outros estudos retratam ainda mais essa visão, reforçando que mesmo com a disseminação de conhecimento sobre as riquezas do Nordeste brasileiro, a Caatinga e as formas de convivência com o semiárido, a região ainda é interpretada pela tangente: inferior e marginalizada (ANDRADE; SILVA; SOUZA, 2014; OLIVEIRA et al., 2019; SOUZA, 2015).

**Figura 1:** Nuvem de palavras obtida a partir da análise no IRaMuTeQ 0.7 alpha 2.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Autores observaram que mesmo com a disseminação de tecnologias de convivência com o semiárido, a imagem atrelada a ele continua enraizada no contexto da seca (FARIAS; MARQUESAN; FIGUEIREDO,

2021), concordando com a nuvem gerada pela descrição das reportagens televisivas deste trabalho (Figura 1). Além dos mais, ressalta-se que as menções à convivência com o semiárido são insuficientes, exaltando pouco ou quase nada sobre políticas públicas que auxiliem na mesma, ou tão pouco apresentam para o público esse termo, assim, concordando com estudos que relatam que o discurso da convivência com o semiárido ainda não é pauta do horário nobre da mídia brasileira (SOUZA, 2015). Consciente de que a razão metonímica se auto interpreta como a única forma de racionalidade (SANTOS, 2002, p. 240), as discussões feitas a partir das características da paisagem evidenciam o quanto a região semiárida do nordeste brasileiro foi apresentada por anos apenas por uma visão reducionista em razão das consequências da seca e de outras características naturais, assim evidenciando aspectos da razão metonímica e, quando negado a co-ausência, traços de colonialidade (AVILA, 2021; PINTO; MIGNOLO, 2015; SANTOS, 2002). No que diz respeito à lógica que deriva da monocultura do rigor do saber, é possível conectar os dizeres dessa linha de pensamento ao notar-se que há um padrão de coexistência das mesmas com as particularidades da região, o que não necessariamente indica falta de conhecimento ou ingenuidade, mas retrata que alguns esforços externos podem ajudar na qualidade de vida dos residentes nordestinos, logo, minimizando os efeitos contra visuais que o “aspecto seco” da

região acarreta aos olhos do público, uma vez que, assim como é apontado nos relatos de Brito et al. (2021), alguns esforços educativos ao longo do tempo podem fortalecer a convivência com o semiárido, desde que sejam ações de instrução socioambiental que continuamente exaltam os benefícios que as práticas e formas de manejo possuem, deste modo, minimizando os efeitos da monocultura do rigor do saber. Já nos termos da lógica que deriva da monocultura do tempo linear, ao se passar despercebido aspectos culturais, formas de convivência e os fatores ambientais comuns da região semiárida brasileira, é atribuído à mesma um viés atrasado, logo, acentuando a não-existência, isto é, reproduzindo a determinação ocidental de não-contemporaneidade do contemporâneo (SANTOS, 2002, p. 247). Em contrapartida ao aspecto de não-contemporaneidade observado, em virtude da necessidade de alta discussão sobre fatores sociais, não se encontrou no que diz respeito a marginalização midiática sobre o semiárido, evidências concretas da terceira lógica de monocultura (lógica da classificação social), pois não há direta relação com a discussão deste trabalho, a não ser a mera especulação de, assim como estudado por Maluf (2008), que a hierarquização humana em classes afeta a visão de posse atrelada a cada indivíduo, sendo possível esta ideia afetar negativamente a visão de um lugar. Ao relacionar-se a imagem atrelada ao semiárido e a quarta lógica, enfatiza-se que é a partir da discriminação da realidade

do semiárido das demais realidades brasileiras que, assim como discutido por Becker (2014), a mídia influencia a visão do seu público, evidenciando a particularização e a criação de realidades locais a partir da visão ocidental europeia, temas abordados pelas duas formas de dominação da lógica de produção da inexistência (SANTOS, 2002, p. 248). Por fim, a visão reducionista estabelecida a partir dos elementos da paisagem, desvaloriza as potencialidades industriais advindas tanto de aspectos culturais quanto das particularidades ambientais da região semiárida brasileira, assim, quando não há o aproveitamento do potencial biológico e dos saberes culturais que proporcionam mercado, é evidenciado a não-existência atrelada a quinta lógica (lógica produtivista), promovendo, mais uma vez, discriminação e marginalização da região, pois, como é debatido por Becker (2014) e Souza (2015), a valorização das características de uma localidade a partir das mídias, favorecem a compreensão de realidades novas e vigentes, atenuando as distinções (naturais e culturais) regionais. Todas as reportagens trabalhadas apresentaram discursos que apontam o distanciamento da região semiárida do nordeste brasileiro das demais regiões do país, sugerindo que há uma marginalização do local. Esses discursos destacam a seca como principal fonte de inferiorização, assim, fazendo-se necessário enfatizar por meio da educação política e ambiental a respeito deste fenômeno, além de

evidenciar a convivência com o semiárido, pois ela é a principal maneira de fornecer qualidade de vida aos residentes e apresentar aos não residentes os aspectos positivos do semiárido. Observou-se que a razão metonímica está ligada à forma que a mídia marginaliza a área analisada e que dentre todas as suas lógicas apenas a "lógica da classificação social" foi interpretada como complexa de se discutir ao passo do material levantado. Ademais, uma análise mais estruturada com um maior número de reportagens pode evidenciar ainda mais aspectos que inferiorizam a região semiárida brasileira com base na razão metonímica, sendo assim possível discutir mais formas de combater essa interpretação através de outras medidas educativas além das citadas neste trabalho, e pela relação e discussão da temática com outras linhas de pensamento, como a ecologia do saber.

## REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. Senac, 2018.
- ANDRADE, A. J. P. DE; SILVA, N. M. DA; SOUZA, C. R. DE. As percepções sobre as variações e mudanças climáticas e as estratégias de adaptação dos agricultores familiares do

Seridó potiguar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 31, 2014.

AVILA, M. A. **Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos?** | **Politize!** , 19 mar. 2021.

<<https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>>. Acesso em: 26 set. 2022.

BECKER, B. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós**. Anais.2014.

BRITO, Y. M. A. DE ET AL. PANORAMA DA SECA PLURIANUAL 2012–2018 NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: IMPACTOS HIDROLÓGICOS, AGRÍCOLAS E MEDIDAS DE CONVIVÊNCIA. **DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**, V. 58, N. 0, 17 DEZ. 2021.

BURITI, C. DE O. et al. Um Século de Secas: Por que as Políticas Hídricas não Transformaram a Região Semiárida Brasileira? **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 35, p. 683–688, 30 nov. 2020.

CRISPIM, A. B. et al. A questão da seca no semiárido nordestino e a visão reducionista do Estado: a necessidade da desnaturalização dos problemas socioambientais. **Ambiente & Educação**, v. 21, n. 2, p. 39–59, 30 dez. 2016.

CRUZ, F. DE S.; GUIMARÃES, C. S. Um assentamento na Caatinga: lugar, representações e identidades. **Diversitas Journal**. 19 ago. 2021.

FARIAS, L. M.; MARQUESAN, F. F. S.; FIGUEIREDO, M. D. DE. Migração e políticas públicas de convivência com o semiárido brasileiro. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 14, n. 4, p. 55–73, 2021.

GOMES, C. A. O mito da portugalidade no ensino colonial: a história e a razão metonímica.Mulemba. **Revista Angolana de Ciências Sociais**, n. 4 (8), p. 127–142, 1 nov. 2014.

MALUF, C. Espaço, tempo e lugar.

PosFAUUSP, n. 23, p. 70–83, 1 jun. 2008.

OLIVEIRA, T. C. DE S. et al. O apego ao lugar: uma abordagem no semiárido

nordestino. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 3, 2019.

PINTO, J. R. DE S.; MIGNOLO, W. D. A modernidade é de fato universal?:

Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas-Revista de Ciências**

**Sociais**, v. 15, p. 381–402, 2015.

SANTOS, B. DE S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.

**Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237–280, 1 out. 2002.

SILVA, C. L. C. et al. Tecnologias sociais de convivência com o semiárido: estudo de caso no município de quixadá- ceará (brasil).

**Breves Contribuciones del Instituto de Estudios Geográficos**, v. 29, n. 29, 12 ago. 2019.

SILVA, V. R. DA; PEREIRA, M. C. DE B.

Das colonialidades à emergência de um novo paradigma no Semiárido brasileiro desde as

racionalidades camponesas: um caminhar para além do desenvolvimento? **Desenvolvimento e**

**Meio Ambiente**, v. 55, 2020.

SOUZA, U. V. V. DE. O semiárido brasileiro na grande mídia: da estereotípi a à proposição

de novas perspectivas comunicacionais contextualizadas. **Revista ComSertões**, v. 3, n.

1, 19 out. 2015.

Quadro 01 - Lógicas de produção da não-existência da razão metonímica.

Primeira lógica	<p>Deriva Monocultura do saber e do rigor do saber</p> <p>É o modo de produção de não-existência mais poderoso. Consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente. A não-existência assume aqui a forma de ignorância ou de incultura (SANTOS, 2002, p. 247).</p>
Segunda Lógica	<p>Deriva na monocultura do tempo linear</p> <p>Passa uma ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos. Esse sentido e direção têm sido formulados de diversas formas nos últimos duzentos anos: progresso, revolução, modernização etc. Comum a todas estas formulações é a ideia de que o tempo é linear e que na frente do tempo seguem os países centrais do sistema mundial e, com eles, os conhecimentos, as instituições e as formas de sociabilidade que neles dominam. Esta lógica produz não-existência declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é declarado avançado (SANTOS, 2002, p. 247).</p>
Terceira Lógica	<p>Lógica da classificação social</p> <p>Assenta na monocultura da naturalização das diferenças. Consiste na distribuição das populações por categorias que naturalizam hierarquias. A classificação racial e a classificação sexual são as mais salientes manifestações desta lógica. Ao contrário do que sucede com a relação capital/trabalho, a classificação social assenta em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social (SANTOS, 2002, p. 247).</p>
Quarta Lógica	<p>Lógica da escala dominante</p> <p>Nos termos desta lógica, a escala adotada como primordial determina a irrelevância de todas as outras possíveis escalas. Na modernidade ocidental, a escala dominante aparece sob duas formas principais: a universal e a global. O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independentemente de contextos específicos. A globalização é a escala que nos últimos vinte anos adquiriu uma importância sem precedentes nos mais diversos campos sociais. Trata-se da escala que privilegia as entidades ou realidades que alargam o seu âmbito a todo o globo e que, ao fazê-lo, adquirem a prerrogativa de designar entidades ou realidades rivais como locais. No âmbito desta lógica, a não-existência é produzida sob a forma do particular e do local (SANTOS, 2002, p. 248).</p>
Quinta Lógica	<p>Lógica produtivista</p> <p>Assentada na monocultura dos critérios de produtividade capitalista. Nos termos desta lógica, o crescimento económico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que melhor serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. Segundo esta lógica, a não-existência é produzida sob a forma do improdutivo que, aplicada à natureza, é esterilidade e, aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional (SANTOS, 2002, p. 248).</p>

Fonte - Adaptado de Santos, 2002.